

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivli*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

O CASTRO DA MADALENA (VILA NOVA DE GAIA) NO QUADRO DA OCUPAÇÃO PROTO-HISTÓRICA DA MARGEM ESQUERDA DO DOURO

Edite Martins de Sá¹, António Manuel S.P. Silva²

RESUMO

O Castro da Madalena, em Vila Nova de Gaia, é um povoado atlântico de reduzidas dimensões e com implantação privilegiada, próximo da orla costeira. As intervenções arqueológicas realizadas desde 2020 colocaram a descoberto diversas estruturas habitacionais de planta circular. Constatam-se elementos comuns na edificação destas arquiteturas, quer na sua configuração, quer na matéria-prima utilizada, predominando o recurso a materiais construtivos como a argila, saibro, elementos vegetais, e a pedra, cuja articulação e planeamento construtivo cuidado lhes conferiu robustez e consistência. O espólio é constituído, na sua larga maioria, por cerâmica indígena da segunda Idade do Ferro. Sintetizando os dados das escavações arqueológicas, ensaia-se ainda a sua integração nos ritmos de ocupação no panorama da designada «cultura castreja» na margem esquerda do rio Douro.

Palavras-chave: Castro da Madalena; Idade do Ferro; Norte de Portugal; Proto-história; «Cultura castreja».

ABSTRACT

The Castro da Madalena, in Vila Nova de Gaia, is a small Atlantic settlement with a privileged location near the coast. The archaeological interventions carried out since 2020 have uncovered several circular residential structures. There are common elements in the construction of these architectures, both in their configuration and in the raw materials used, predominantly the use of construction materials such as clay, gravel, plant elements and, stone, whose articulation and careful construction planning gave them robustness and consistency. The archaeological remains are mostly made up of indigenous pottery from the Second Iron Age. The archaeological excavation data are synthesized, and its integration into the occupation rhythms of the so-called “Castro culture” on the left bank of the Douro river, is also tested.

Keywords: Castro da Madalena; Iron Age; Northern Portugal; Protohistory; ‘Castro culture’.

1. INTRODUÇÃO

O castro da Madalena, localizado no concelho de Vila Nova de Gaia, é, desde há muito, bem conhecido da historiografia local e regional (Fortes, 1909, p. 11; Correia, 1924, pp. 277 (fotografias), 283; 1935, p. 140; Matos, 1937, pp. 11-12; Veloso, 1963, pp. 139-142; Guimarães, 1993, p. 19; Silva, 1986, p. 87, n.º 434; 2007, p. 141, n.º 529; Queiroz, 1997, pp. 34-37), mas,

quase sempre, por referências genéricas e de repetição de fontes anteriores, muitas vezes designando-se erradamente como Castro de Valadares, freguesia com que apenas confina. Estudos mais recentes começaram a ensaiar uma abordagem mais arqueológica da estação (Silva, 1994, pp. 63-64, n.º 33; 2007, ficha 16; 2015, pp. 2, 7; Silva & Pereira, 2010, p. 194), mas foi necessário esperar, praticamente, pelo século XXI para que os primeiros trabalhos de cam-

1. Arqueóloga. Projeto ARQ-EDOV (Centro de Arqueologia de Arouca) / editesa@gmail.com

2. Coordenador do projeto ARQ-EDOV (Centro de Arqueologia de Arouca); Investigador CITCEM Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço, Memória (Univ. do Porto) unidade de I&D 4059 da FCT / amspsilva@hotmail.com

po contextualizassem alguns materiais cerâmicos de superfície entretanto recolhidos³. Em 2000 foram feitas algumas sondagens no sopé do povoado, em terrenos a sudeste destinados a construção, não tendo sido detetadas quaisquer estruturas, mas apenas materiais cerâmicos esparsos (Pereira, 2000). Por fim, em 2020 foram iniciadas as sondagens arqueológicas no castro, cujos resultados (Silva & Sá, 2022b) agora se atualizam⁴.

Os trabalhos arqueológicos neste povoado proto-histórico, que contam já com quatro campanhas de escavação (2020, 2021, 2022 e 2023), têm vindo a ser desenvolvidos no quadro de um projeto de investigação plurianual dirigido a sítios congêneres da fachada atlântica da região situada entre os rios Douro e Vouga, projeto intitulado ARQ-EDOV, *Arqueologia da Idade do Ferro no Entre Douro e Vouga Atlântico* (Silva & alii, 2019), e dinamizado pelo Centro de Arqueologia de Arouca⁵. No âmbito deste projeto – que, aliás, dá continuidade a projetos anteriores para a mesma região (Silva & alii, 2016) foram feitas as primeiras escavações e outros trabalhos arqueológicos no Castro de Salreu, Estarreja (Silva & alii, 2017; 2019; 2020; Silva, Lemos & Almeida e Silva, 2021; Almeida e Silva & alii, 2020; Tereso & alii, 2023) e retomados os estudos no Castro de Ovil, em Paramos, Espinho (Salvador & Silva, 2000, 2010 e 2020), para

3. Segundo informação de M. Veloso (1963, p. 141), em 1937, o geólogo Carlos Teixeira (1910-1982) recolheu e ofereceu ao antigo Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto (atual Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto) um conjunto de fragmentos cerâmicos que ainda ali se encontram. São uma dúzia de bordos, fundos e panças lisas e decoradas, correspondentes a olaria da Idade do Ferro, etiquetados com a simples menção a Valadares e a data de abril de 1937.

4. Ainda nas proximidades, na Rua do Formigueiro, um pouco a sudoeste, foram também feitos trabalhos de salvaguarda, prévios à implementação de um projeto imobiliário, os quais revelaram um sítio com estruturas negativas (fossas, buracos de poste e valados), enquadradas numa cronologia compreendida entre a Pré-história recente e o Bronze Final (Gomes, 2007; Baptista & Oliveira, 2008; Pinheiro, 2016), aparentemente sem qualquer relação cultural com o povoado da Idade do Ferro.

5. Associação de defesa do património, fundada em 1984, que desenvolve investigação, em particular, na região do Entre Douro e Vouga. As escavações têm sido possíveis graças ao apoio financeiro e logístico do Município de Vila Nova de Gaia e da Junta de Freguesia da Madalena, o que nos compete agradecer.

além de uma recente intervenção, ainda inédita, no «Castro de Santiaia», UF de Beduído e Veiros, também em Estarreja.

Neste texto apresentam-se os principais resultados das escavações dirigidas pelos signatários no Castro da Madalena entre os anos de 2020 e 2022, referenciando-se as principais estruturas e, de forma mais genérica, o espólio exumado.

Situa-se este povoado na freguesia da Madalena, sobre uma colina de baixa altitude (59 m) a menos de dois quilómetros do Oceano, num meandro de uma ribeira que leva o mesmo nome da freguesia (Figuras 1 e 2)⁶. A microtoponímia perenizou o antigo aldeamento como *Coteiro do Crasto*, memória que, todavia, não só não suscitou a sua pesquisa arqueológica mais aturada como também não impediu que a extração de pedra o destruísse em área muito significativa, aparentemente nas primeiras décadas do século passado, já que de tal indústria não restou registo nem memória entre os locais.

Os trabalhos em curso não permitiram ainda definir com a precisão adequada a superfície de ocupação deste pequeno povoado, que deverá compreender-se entre um hectare e hectare e meio, correspondendo à elevação, de plano ovalado, que mede cerca de 155 metros de eixo maior (N-S) por cerca de 122 m no alinhamento E-O. (Figs. 2 e 3). Como se disse, a extração de pedra destruiu amplas áreas no topo superior e nas encostas voltadas a poente (Figs. 2 e 3), o que não obsta a que possam ainda detetar-se locais com a estratigrafia preservada, como se observou nas campanhas de escavações realizadas. Tão pouco é conhecido o sistema defensivo do castro, podendo alguns taludes conservados na topografia corresponder a antigos desaterros ou estruturas murárias, como também a delimitação principal do povoado assentar unicamente num fosso – de que parecem restar alguns traços a sul – como sucede no próximo Castro de Ovil, em Espinho (Silva, 1994, pp. 63-64, n.º 33; 2005; Salvador & Silva, 2000, 2010, 2020).

6. A estação encontra-se recensada no Portal do Arqueólogo com o número de sítio 3600 (<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=49381>) e está inventariada como imóvel arqueológico inventariado na Carta de Salvaguardas e relatórios anexos do Plano Diretor Municipal de Vila Nova de Gaia, com o n.º Ao16 (Silva, 2007; 2015). As coordenadas geográficas do seu ponto central são: 41º 06' 10" N e 8º 38' 24" O (WGS84).

2. OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS (2020-2022)

Para a primeira abordagem ao povoado, para efeitos de sondagens arqueológicas, selecionou-se uma plataforma aplanada, sensivelmente a meio da encosta nascente, convencionalmente designada como Sector A (Fig. 3). Os resultados da primeira campanha (Silva & Sá, 2021), ainda que espacialmente contidos (16 m²), foram bastante promissores, revelando estruturas relacionadas com a ocupação da Idade do Ferro. Detetaram-se, então, os restos de uma cabana de planta circular, com pavimento interno e lareira em argila (Cabana I), da qual se escavou perto de metade do perímetro, bem como evidência de pisos similares exteriores, além do negativo de uma vala de saibreira, eventualmente aberta para obter material construtivo para as habitações do castro (Silva & Sá, 2021, 2022b). As campanhas de 2021 e 2022 (Silva & Sá, 2021, 2022a, 2022b, 2023) possibilitaram alargar um pouco a área de escavação na Cabana I, detetando-se em escavação próxima os restos de outras habitações circulares, a Cabana II, de planta já completa, e as Cabanas III e IV, estas ainda em fase inicial de escavação⁷. Os trabalhos de 2022 abriram ainda novo sector a norte, em ponto mais elevado (Sector B), mas com resultados inconclusivos no que se refere à presença de estruturas.

2.1. Cabana I

(Quadrados BR-BS 12, 13, 14 / BR 13, 14)

Os trabalhos arqueológicos realizados nas duas primeiras campanhas permitiram a identificação de contextos integráveis, cronologicamente, na Idade do Ferro, tanto pelo espólio exumado, como pela natureza das estruturas. Os alargamentos efetuados a partir das sondagens iniciais confirmaram a existência de parte substancial de uma estrutura arquitetónica, certamente de carácter habitacional. Designada como Cabana I, apresenta planta subcircular e terá, a avaliar pelo segmento trazido à luz pelos trabalhos arqueológicos, cerca de 4,25 m² de diâmetro interno, correspondendo a uma área de, aproximadamente, 14 m² (Figs. 4 e 5). Apresenta um piso de circulação interno, composto por argila

compactada, de coloração laranja-avermelhada (UE 005), talvez endurecida com recurso ao uso do fogo, ainda que não tenham sido observados carvões ou manchas de fuligem. No centro da cabana foi construída, sobre o piso, a base de uma lareira (UE 47), de contorno irregular, formada por uma fina camada de argila compactada, de coloração esbranquiçada e com cerca de 0,60 m de diâmetro no seu eixo maior. Esta estrutura ostenta uma considerável mancha negra de fuligem, que confirma a sua utilização como estrutura de combustão (Figs. 4 e 5).

As paredes desta construção parecem documentar duas técnicas distintas. No quadrante noroeste da cabana seriam constituídas por argila, eventualmente com recurso a adobes elementares (dos quais, todavia não se encontrou evidência clara), como é sugerido especialmente pelo tramo basal da parede no limite norte da cabana, com cerca de 1,20 m de comprimento e 0,35 m de largura.

Já na área contígua, no quadrante nordeste da cabana, e em aparente associação coeva, surgiu um pequeno segmento de murete, de dupla face, constituído por pedras em granito de pequeno e médio calibre, com algum afeiçoamento e corte tendencialmente subretangular (UE 011), servindo de ligante um sedimento de textura arenosa e coloração amarelada. A vala de fundação [010], efetuada para a construção da cabana ou, pelo menos, para o segmento de murete apresentou cerca de 30 cm de largura, paredes verticais e fundo aplanado. De volumetria modesta, com cerca de 0,35m de largura máxima e menos de um metro de tramo preservado, esta estrutura achava-se reduzida à fiada basal, desconhecendo-se se o alçado terá sido feito integralmente em pedra ou recorrendo, igualmente a materiais argilosos (Figs. 4 e 5).

Deve destacar-se, neste ambiente, a multiplicidade de recursos e soluções construtivas utilizadas, observando-se ligantes de argila e saibro, talvez complementados com madeira, ramagens ou outros materiais perecíveis. O único elemento desta cabana onde se recorreu à pedra foi no segmento de murete em granito, que poderá ter funcionado como base de sustentação de uma presumível soleira de porta, hipótese reforçada pela aparente associação a dois blocos graníticos [013], com afeiçoamento sumário e configuração subtrapezoidal, existentes na área adjacente ao limite exterior nordeste do murete (Figs. 4 e 5). Apesar do seu aparente deslocamento, por processos pós-deposicionais, estes blocos estavam numa

7. A interpretação funcional destas cabanas como habitações é, por ora, convencional, embora a presença de lareiras centrais em, pelo menos, duas delas, bem como o espólio cerâmico recolhido, permitam avançar a sua natureza doméstica.

posição algo escalonada entre si e contígua ao murete, o que sugere que tenham servido como degraus. Ainda no âmbito das soluções construtivas, importa assinalar a ocorrência de um pequeno valado, com cerca de 10-12 cm de largura (UE 064) e secção em U, adossado à face interna do segmento de parede em argila ou adobe e o limite exterior do piso em argila, elemento que poderá ter servido como base de assentamento de alguma estrutura de reforço interno da parede, possivelmente em madeira. Também neste troço, observou-se o que cremos constituir uma espécie de revestimento na parte basal da face interna da parede, caracterizado por uma fina película de barro cozido, castanho-escuro, eventualmente para atuar como impermeabilizante e ajudar a evitar infiltrações e a humidade (SILVA & SÁ 2022a; SILVA & SÁ 2022b, p. 117).

A uma cota ligeiramente inferior no exterior da cabana, a nascente, deve ainda referir-se a UE 019, um depósito correspondente a um outro piso de circulação de matriz argilo-arenosa, muito compacto e de coloração alaranjada (Fig. 4). Admite-se a existência de um pavimento de circulação exterior aos espaços domésticos, dado que se reveste de particular interesse para a compreensão da organização interna do povoado castrejo.

2.2. Cabana II

(Quadrados BB/BC/BD/BE 9, 10, 11, 12)

Os trabalhos arqueológicos levados a cabo nesta área, no decurso das campanhas de 2021 e 2022, conduziram à identificação de outra estrutura habitacional, designada como Cabana II (Figs. 6 e 7). A intervenção nesta zona permitiu atestar uma singela possança estratigráfica, não ultrapassando genericamente os 0,60 m, não obstante apresentar um crescendo na parte poente, próxima do limite da plataforma e da base da vertente. Após a remoção de vários depósitos de abandono, procedemos à identificação, no âmbito dos alargamentos executados na 3ª campanha, do prolongamento para sul da estrutura doméstica, permitindo definir o seu perímetro praticamente completo e proceder a uma avaliação mais consolidada das suas características arquitetónicas e materiais construtivos utilizados na sua composição. Estamos, deste modo, perante uma estrutura de planta subcircular, com cerca de 4,40 m de diâmetro máximo externo, constituída por uma parede em argila robusta, talvez complementada por adobes elementares (UE 042, Fig. 6), bem compactada e

com tonalidade amarelo-alaranjada, com largura entre 0,28 e 0,36 metros e 0,50 m de altura máxima preservada, configurando um espaço interior que deverá rondar os 9 m² (Figs. 6 e 7). Adossada à face interna da parte basal da parede em argila, observámos a presença de uma fina capa de argila cozida, com apenas entre 2 a 4 cm de espessura e de coloração castanho-avermelhado (UE 068), que poderá ter funcionado como impermeabilizante ou como estratégia de isolamento do espaço remanescente entre a face interna do alçado e o pavimento da estrutura. O pequeno aglomerado pétreo em granito (UE 051) corresponde a um murete que integrou a parede da cabana, no lado nascente (Fig. 6). Apesar da deslocação de alguns dos seus elementos pétreos, surge contígua à parede [042] e misturada com fragmentos de argila e adobe (?) idêntica à mesma, mas com tonalidade mais alaranjada, aparentemente moldados em ‘blocos’ semelhantes ao formato das pedras, pelo que a sua conexão estrutural com a cabana é indiscutível, presumivelmente respeitante à base da porta de acesso ao seu interior, revelando-se uma solução construtiva semelhante à observada na Cabana I (Silva & Sá, 2021; 2022a; 2022b: 117).

O nível de circulação (UE 037) apresenta tonalidade amarelo-alaranjado e acha-se ligeiramente mais elevado em relação ao espaço envolvente; é composto por uma mistura de saibro e argila compacta e endurecida com recurso ao uso do fogo, o que lhe conferiu uma maior consistência e durabilidade. A afetação causada pela proliferação de raízes ocorre em toda a sua superfície, sendo mais incidente num eucalipto de grande porte que cresceu no centro da cabana, tendo causado, possivelmente, a destruição integral de uma possível lareira central (Figs. 6 e 7). A estrutura doméstica terá sido erigida sobre um depósito bastante compacto, amarelo-esbranquiçado e com matriz arenosa [045], que parece corresponder a um primeiro nível de preparação ou regularização, cujo objetivo prioritário terá sido o de contrariar o declive da plataforma e nivelar o pavimento de circulação. A uma cota mais baixa e no espaço envolvente da cabana, foi construído um nível correspondente a um piso de circulação – [046] – composto por argila e argamassa de saibro, com uma coloração que alterna entre o amarelado e o alaranjado. Este pavimento parece configurar, à semelhança de outros pisos, uma área de circulação adjacente ao exterior das cabanas, admitindo-se terá constituído, simultaneamente, uma estratégia encontrada

pelos habitantes do povoado para regularizar o solo e altear a plataforma. Curiosamente, o piso não foi nivelado, uma vez que o seu declive é concordante, embora de forma não acentuada, com o do próprio terreno, ação que julgámos ter sido propositada para facilitar eventualmente, o escoamento de águas pluviais e outros detritos, e evitar a sua acumulação em redor das habitações.

2.3. Cabana III (Quadrados BE/BF 12) e provável Cabana IV (Quadrados BB 10)

Na sequência do alargamento executado no quadrado BF 12, a cerca de um metro para noroeste da cabana II, foi identificada parte de uma nova estrutura habitacional, a qual foi designada, sequencialmente, como Cabana III (Figs. 6 e 7). Após a remoção dos depósitos de abandono, foi identificado um pavimento em argila de coloração amarela/alaranjada, muito compacto e bastante perturbado pelo crescimento de raízes (UE 087, Fig. 6). Associa-se a uma parede, também em argila muito compacta e misturada com um ligante de coloração cinzento esbranquiçado, ainda indefinido, cuja largura varia entre os 24 e os 38 cm. Encontra-se num elevado nível de destruição, quer por raízes, quer por outros processos pós-depositivos, o que dificultou a distinção relativamente a outros depósitos adjacentes à sua face externa. Por último, mas não menos revelante, surgiu, sobre o pavimento [087], aparentemente descentrada e a ocupar parte do que será o quadrante sul/sudoeste da cabana, um nível de barro cozido com coloração vermelha-alaranjada, cuja espessura não ultrapassa os 3 cm, porém com uma compactidade muito elevada, conferida pela exposição ao fogo (UE 092, Fig. 6). A sua configuração é muito irregular e apresenta várias fraturas em toda a superfície, bem como manchas cinza-escuras de fuligem, o que sugere configurar a base de uma lareira. Encontra-se interrompida pelo corte oeste da intervenção, pelo que a sua caracterização é, por ora, parcial (Fig. 8). Um pouco a sudeste da Cabana II, no quadrado BB 10 (Fig. 6), surgiram ainda duas estruturas que parecem, com bastante verosimilhança corresponder a outra estrutura habitacional, a Cabana IV. Trata-se da base de um aparente murete em argila (UE 096), que delimita interiormente um piso composto pelo mesmo material (UE 097), não podendo adiantar-se, de momento, outros dados pela exiguidade da área em que foi detetada.

3. ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

A componente artefactual resultante das três campanhas efetuadas até o momento ascende a vários milhares de fragmentos, com natural destaque, como é habitual, para os materiais cerâmicos. No seu conjunto, o espólio ainda não foi objeto de estudo próprio, incluindo seriação estratigráfica e tipológica, pelo que, se apresenta, por enquanto, mera nota divulgativa.

A cerâmica corresponde, quase na sua totalidade, a olaria proto-histórica (Figs. 9 e 10), abundantemente identificada a partir dos depósitos mais superficiais. O grau de fragmentação das peças é muito elevado, consistente com a natureza secundária da generalidade dos depósitos. Uma observação macro permite, contudo, destacar algumas características gerais, que claramente enquadram este conjunto cerâmico nos repertórios habituais da louça «castreja» do Entre Douro e Minho, com analogias claras nos materiais já publicados das estações litorais a sul do Douro, do que constituem melhores exemplos os materiais exumados nos castros de Ovil (Salvador & Silva, 2010, 2020), Salreu (Almeida e Silva & Silva, 2020), Romariz, Santa Maria da Feira (Silva, 2007, pp. 179-240; Centeno & Oliveira, 2008, pp. 44-107), Valinhas, Arouca (Silva, 1995; 2004, p. 242) ou Castelo de Gaia (Ramos & Carvalho, 2020, pp. 77-78; Carvalho, Nascimento & Sousa, 2020), entre outros. As formas identificadas integram os tipos mais comuns da louça doméstica tipicamente castreja, como os potes e panelas, alguns com asa, recipientes de armazenamento e outros de menor dimensão e espessura, que sugerem formas mais pequenas como taças e potinhos ou púcaros. Os bordos das vasilhas mostram, em maioria, lábio arredondado e arredondado para o exterior ou em bisel ou ligeiro bisel, e os fundos são na sua maioria de base plana, alguns mais robustos e com espessura considerável, atribuíveis a recipientes de maiores dimensões. As pastas argilosas, são, numa abordagem macroscópica, maioritariamente de composição micácea, havendo algumas areno-micáceas, de cozedura redutora (observando-se, todavia, um largo número de fragmentos que parecem ter estado expostos a um ambiente mais oxidante), fabrico manual e com tonalidades que variam entre a acinzentada, beije, castanho-clara e alaranjada. Assinalam-se escassos elementos de pastas notoriamente mais depuradas. O acabamento é genericamente alisado, havendo,

todavia, fragmentos com maior polimento, admitindo-se a sua produção na roda.

A grande maioria do acervo cerâmico é, como habitualmente, desprovido de decoração, observando-se, entre os fragmentos que exibem elementos decorativos, o uso das técnicas da incisão e impressão. A gramática ornamental, notoriamente diversificada, é essencialmente caracterizada por sulcos e linhas incisivas, isolados ou múltiplos, linhas onduladas, bem como vários padrões geométricos associados a diferentes organizações decorativas; matrizes de círculos concêntricos, círculos em alto-relevo, losangos, matrizes impressas triangulares, bandas de motivos em SS, círculos quadripartidos, bem como motivos em aspa e em zig-zag (Fig. 10).

Também feitos em cerâmica, foram recolhidos diversos cossoiros discoidais, certamente usados como volantes de fusos, que remetem para atividades ligadas à fição. Deve ainda mencionar-se a identificação, bastante recorrente, de pequenos pedaços, muito fragmentados, do habitualmente designado «barro de construção», que terá sido usado, muito provavelmente, como elemento constituinte de pisos, rebocos, ou para calafetar ou ligar estruturas construídas em materiais perecíveis.

A par da cerâmica, regista-se a exumação de utensilagem lítica, como restos de talhe, fragmentos de lâminas em sílex, possíveis amoladores em quartzito, termoclastos, um movente de mó circular e um dormente e movente de mó manual, bem como algumas contas perfuradas, em pasta de vidro azul. Os metais, muito raros, resumem-se praticamente ao que poderá ser um pequeno fragmento de arco de fíbula, em bronze.

Como especial novidade da campanha de 2022 saliente-se a ocorrência de objetos de produção ou época romana, ainda que pontuais e provenientes de níveis de abandono do povoado. Trata-se de um sétércio, em bronze, do imperador *Pertinax* (192-193)⁸, um fragmento de bordo de uma taça em vidro, tardia e, muito especialmente, dois fragmentos do rebordo de uma mesma *tegula*, elemento que, ao contrário dos anteriores, não pode atribuir-se a ocasional frequentação do povoado em época histórica.

8. Agradecemos a J. M. Mendes-Pinto e Rui Centeno a ajuda na classificação deste espécime numismático.

4. DISCUSSÃO

As primeiras campanhas de trabalhos arqueológicos não permitiram ainda definir, com a precisão desejada, a superfície efetiva do povoado castrejo, certamente de pequenas dimensões, até pelas limitações topográficas da pequena elevação onde se implantou. Igualmente, desconhecemos ainda a estruturação do sistema defensivo, eventualmente dominado pela articulação entre uma linha de água e um fosso (de que podem reconhecer-se vestígios, ainda que ténues), tal como sucede no próximo castro espinhense de Ovil.

As estruturas arquitetónicas identificadas, três cabanas e evidência de uma quarta, correspondem a unidades habitacionais (função claramente atestada, em duas delas, pela presença de uma lareira central), de planta circular ou subcircular, com superfícies interiores, estimados pelos segmentos escavados, de cerca de 14 m² (Cabana 1) e 9 m² (Cabana 2), valores em linha com o observado na generalidade dos povoados proto-históricos do norte e centro-norte de Portugal. Deve destacar-se, no entanto, no que se refere às suas arquiteturas, o recurso a aparelhos construtivos mistos, predominando as estruturas parietais em argila ou, porventura, em adobe, em aparente associação com elementos murários pétreos. A construção em argila e adobe em povoados da Idade do Ferro tem vindo a ser cada vez mais documentada, diluindo a imagem paradigmática de uma arquitetura exclusivamente em pedra. Tal sucede, nomeadamente, no povoado fortificado da Quinta de Crestelos, Mogadouro⁹, no Castro de Salreu, em Estarreja, já aqui amplamente citado, ou, mais recentemente, no Castelo de Gaia, de onde, entre outros elementos, serão provenientes os primeiros tijolos de adobe «castrejos» integralmente conservados (Ramos & Carvalho, 2020, pp. 72-77). Não obstante, à luz dos dados publicados, não pode afirmar-se que a utilização destes materiais sirva de indicador cronológico, designadamente como sinal de hipotético arcaísmo (Larrazábal, 2017, pp. 31-32). Porém, o recurso à argila como elemento construtivo ultrapassa, no castro da Madalena, a edificação das paredes das cabanas, atendendo aos vários pisos detetados, incluindo-se, como elemento de similar interesse, a aparente utilização da mesma tipologia de recursos nas áreas exteriores às habitações.

9. Veja-se Larrazábal, 2017, com paralelos e ampla bibliografia.

Não tendo ainda sido feitas datações absolutas – previstas para breve –, a análise geral do espólio arqueológico não garante a fixação de um intervalo cronológico seguro para a fundação, ocupação e abandono do povoado. A aparente homogeneidade formal e tecnológica da cerâmica indígena, se tomada como indicador temporal, foi ultimamente posta em discussão pela identificação de alguns itens «romanos», de pouco servindo, a este propósito, as contas azuis em pasta vítrea – objetos de grande difusão e âmbito cronológico (Gomes, 2012, pp. 115-117) – ou a mó giratória encontrada junto à Cabana I, instrumento que surge no noroeste peninsular vários séculos antes da conquista da região por Roma (Carballo, Conchero & Rey, 2003; Parcerro *et alii*, 2007, pp. 211-212). Deste modo, considerando a similar topografia, arquitetura e ergologia material dos povoados próximos aqui citados, nomeadamente os castros de Ovil e de Salreu, parece-nos razoável propor, como hipótese, que seja relativamente sincrónica a ocupação de todos eles, compreendida entre os séculos IV/III e I a.C., tendo aqueles castros, como hipoteticamente o da Madalena, sido abandonados, muito provavelmente, pouco tempo antes da plena dominação romana na região, considerando a escassez de artefactos indiciadores de «aculturação material» (Pereira-Menaut, 2010, p. 248). Como variante no castro gaiense, talvez os itens exógenos possam documentar alguma forma de reocupação ou revisitação tardia do povoado, mas os indícios para tal interpretação são ainda muito esporádicos, sendo necessário aguardar pelos resultados da campanha de 2023, e de outras que venham a realizar-se, para construir uma visão mais aproximada e consolidada das realidades físicas e da cronologia ocupacional do castro da Madalena¹⁰.

10. Tendo este texto sido redigido antes da campanha de escavações de 2023, cumpre registar - porque altera ou matiza algumas considerações aqui feitas - que nos últimos trabalhos, junto à Cabana I foi identificado o alicerce de outra cabana circular, desta vez com as paredes, ou, pelo menos, as primeiras fiadas, integralmente construídas em pedra.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA E SILVA, Sara; SILVA, António Manuel S. P. (2020) – Cerâmica da Idade do Ferro do Castro de Salreu (Estarreja, Aveiro). Estudo Preliminar. In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.) – *Atas do Congresso Internacional de Cultura Castreja: Identidade e Transições*, vol. 2. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, pp. 393-403.
- ALMEIDA E SILVA, Sara; SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo; SÁ, Edite (2020) – O Castro de Salreu, um povoado protohistórico no Litoral do Entre Douro e Vouga. In *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1111-1126.
- BAPTISTA, Lídia G; OLIVEIRA, Maria L. (2008) – *Intervenção arqueológica em Castro de Valadares. Parecer técnico de arqueologia*, Porto, Arqueologia e Património, datilografado.
- CARBALLO ARCEO, Xulio; CONCHEIRO COELLO, A.; REY CASTIÑEIRA, J. (2003) – A introducción dos muiños circulares nos castros galegos, *Brigantium*, 14, La Coruña, pp. 97-108.
- CARVALHO, Teresa P.; NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura (2020) – O Castelo de Gaia: a cerâmica dos contextos castrejos. In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.), *Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições»*, vol. 2. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, pp. 353-369.
- CENTENO, Rui M. S.; OLIVEIRA, Ana J., coord. (2008) – *Roteiro do Museu Convento dos Lóios*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal.
- CORREIA, António A. Mendes (1924) – *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto: Figueirinhas.
- CORREIA, António A. Mendes (1935) – *As Origens da cidade do Porto (Cale, Portucale e Pôrto)*. 2.^a ed. rev. e ampliada, Porto: Fernando Machado & C.^a.
- FORTES, José (1909) – Gaya no Passado. In ARROIO, António; FORTES, José; QUEIROZ, José; MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim, *Mea Villa de Gaya: guia ilustrado do Concelho de Gaya*, Porto: Empresa editora do Guia Ilustrado de Portugal, pp. 9-28.
- GOMES, Hugo F. P. (2012) – *O vidro pré-romano no Norte de Portugal*, dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade Fernando Pessoa
- GOMES, José (2007) – *Trabalhos arqueológicos no Castro de Valadares, Vila Nova de Gaia. Relatório preliminar*, Porto: Arqueologia e Património, datilografado
- GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1993) – *Roteiro arqueológico de Vila Nova de Gaia*. V. N. Gaia: Câmara Municipal/Solar Condes de Resende.
- LARRAZÁBAL GALARZA, Javier (2017) – Tierra, madera y piedra. Arquitecturas, mobiliário y diacronias de la II Edad del Hierro en Trás-os-Montes oriental: Quinta de Crestelos

(Mogadouro), *Estudos do Quaternário*, 16, Braga, pp. 31-40. Em linha: www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq.

MATOS, Armando de (1937) – *As estradas romanas no concelho de Gaia*, Vila Nova de Gaia: Museus Municipais e Biblioteca Pública de Gaia.

PARCERO-OUBIÑA, César; AYÁN VILA, X.; FÁBREGA ÁLVAREZ, P.; TEIRA BRIÓN, A. (2007) – Arqueología, Paisaje y Sociedad. In GONZÁLEZ GARCÍA, F. J. (coord.), *Los pueblos de la Galicia céltica*, Madrid: Akal, pp. 131-258.

PEREIRA, José A. (2000) – *Sondagens Arqueológicas no Castro de Valadares/Monte Crasto. Valadares – Vila Nova de Gaia. Relatório Final*, Vila Nova de Gaia: Novarqueologia, datilografado.

PEREIRA-MENAUT, Gerardo (2010) – El moderno debate sobre la romanización, *Veleia*, 27, Vitoria, pp. 239-253.

PINHEIRO, Rui (2016) – Rua do Formigueiro (Vila Nova de Gaia). Um lugar de estruturas negativas, *Al-Madan online*, 2.ª série, 21 (tomo 1), Almada, pp. 45-51.

QUEIROZ, Francisco (1997) – Do megalitismo à romanização, In CIDADE, José C. et al., *Santa Maria Madalena de Fermucia (Madalena – V. N. Gaia): subsídios para uma Monografia*, vol. 1, Madalena: Junta de Freguesia, pp. 33-40.

RAMOS, Rui; CARVALHO, José (2020) – O sítio do Rei Ramiro: contributo para o conhecimento das ocupações antigas no Monte do Castelo (Vila Nova de Gaia), *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14 (abr. 2020), Lisboa: Era Arqueologia, SA, pp. 67-81. Em linha: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos.

SALVADOR, Jorge F.; SILVA, António Manuel S. P. (2000) – Da descoberta do Castro de Ovil à criação de um gabinete de arqueologia, *Al-Madan*, 2ª Série, 9, Almada, pp. 169-173.

SALVADOR, Jorge F.; SILVA, António Manuel S. P. (2010) – O Castro de Ovil (Espinho), um povoado da Idade do Ferro, In PINTO, Filipe M. S. (coord.), *Arqueologia da Terra de Santa Maria: balanços e perspectivas*. Santa Maria da Feira: Liga dos Amigos da Feira, 2010, pp. 53-73.

SALVADOR, Jorge F.; SILVA, António Manuel S. P. (2020) – Cerâmica da Idade do Ferro do Castro de Ovil (Espinho, Aveiro). In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.), *Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições»*, vol. 2, Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, pp. 371-388.

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SILVA, António Manuel S. P. (1995) – Escavações arqueológicas em S. João de Valinhas. Do primitivo castro ao castelo de Arouca, *Poligrafia*, 4, Arouca, pp. 199-200.

SILVA, António Manuel S. P., coord. (2004) – *Memórias da*

Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca, Arouca: Câmara Municipal.

SILVA, António Manuel S. P. (2005) – Povoamento proto-histórico no Entre Douro e Vouga Litoral: a estruturação do habitat. I – Arquitectura dos castros. In *Castro, um lugar para habitar. Colóquio*, Penafiel: Museu Municipal, pp. 167-188.

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico*, [V. N. Gaia]: Gaiurb, EM; Município de Vila Nova de Gaia. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf.

SILVA, António Manuel S. P. (2015) – Mais de um século de arqueologia em Vila Nova de Gaia: investigação e gestão de um património em risco, *Estudos do Quaternário*, 13, Braga, APEQ, pp. 1-22. Em linha: <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq>.

SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo; ALMEIDA E SILVA, Sara (2021) – Uma década de arqueologia no Castro de Salreu, 2011-2021, (um ponto de situação não conclusivo), *Terras de Antuã. Histórias e Memórias do Concelho de Estarreja*, 15, Estarreja, pp. 35-55.

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R. (2010) – Povoamento proto-histórico na fachada atlântica do Entre Douro e Vouga. Paleoambientes e dinâmica cultural, In BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Maria I. C.; MONTEIRO-RODRIGUES, S. (eds.), *Variações paleoambientais e evolução antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*, S.l.: APEQ/CITCEM, pp. 189-203.

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; ALMEIDA E SILVA, Sara; LEMOS, Paulo A. P. (2017) – Uma aldeia de há dois mil anos. Um sítio arqueológico e a sua investigação. *Terras de Antuã. Histórias e Memórias do Concelho de Estarreja*, 11, Estarreja, pp. 15-29.

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2020) – O Castro de Salreu (Estarreja): um povoado da Idade do Ferro nos limites meridionais da “cultura castreja”, In *Citânias e Cidades. As primeiras cidades do Noroeste Peninsular. I Ciclo de Conferências do Monte Padrão*, Santo Tirso: Câmara Municipal, pp. 138-158.

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; TAVARES, João T.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2016) – Proto-história da Bacia do Antuã (2011-2015) – um projeto de investigação arqueológica em rede, *Patrimónios de OAZ*, o, Oliveira de Azeméis, pp. 77-96.

SILVA, António Manuel S. P.; SÁ, Edite Martins de (2021) – *Castro da Madalena (V. N. Gaia, Porto). Relatório da 1.ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos*. MDL.20 (...). Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca, datilografado.

SILVA, António Manuel S. P.; SÁ, Edite Martins de (2022a) – *Castro da Madalena (V. N. Gaia, Porto). Relatório da 2.ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos*. MDL.21 (...). Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca, datilografado.

SILVA, António Manuel S. P.; SÁ, Edite M. (2022b) – Sonda-
gens arqueológicas no Castro da Madalena (Vila Nova de
Gaia). Notícia preliminar das campanhas de 2020 e 2021.
Portvgalia, Nova Série, 43, Porto, p. 113-132. DOI: [https://
doi-org/10.21747/09714290/port43a5](https://doi-org/10.21747/09714290/port43a5).

SILVA, António Manuel S. P.; SÁ, Edite Martins de (2023) –
*Castro da Madalena (V. N. Gaia, Porto). Relatório da 3.ª Cam-
panha de Trabalhos Arqueológicos. MDL.22 (...)*. Arouca: Cen-
tro de Arqueologia de Arouca, datilografado.

SILVA, António Manuel S. P.; SÁ, Edite Martins de; SALVA-
DOR, Jorge Fernando; LEMOS, Paulo André P.; ALMEIDA
E SILVA, Sara (2019) – O Castro de Salreu, um dos povoados
protohistóricos atlânticos do Entre Douro e Vouga. *Terras de
Antuã. Histórias e Memórias do Concelho de Estarreja*, 13, Es-
tarreja, pp. 24-44.

SILVA, Armando C. F. (1986) – *A Cultura Castreja no Noroes-
te de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal; Museu
Arqueológico da Citânia de Sanfins.

SILVA, Armando C. F. (2007) – *A Cultura Castreja no No-
roeste de Portugal*. 2ª ed., [rev e atualizada], Paços de Fer-
reira: Câmara Municipal; Museu Arqueológico da Citânia de
Sanfins.

TERESO, João P.; VAZ, Filipe C.; ALMEIDA E SILVA, Sara;
SILVA, António Manuel S. P. (2023) – Consumo de plantas
cultivadas e silvestres em Salreu (Estarreja, Aveiro) duran-
te a Idade do Ferro. In FERNANDES, Isabel Cristina; SAN-
TOS, Michelle T. & CORREIA, Miguel F. – *Amanhar a Terra*.
Arqueologia da Agricultura (do Neolítico ao Período Medie-
val). Palmela: Município, pp. 213-224.

VELOSO, Manuel P. (1963) – Valadares em demanda das
suas raízes. Notas preliminares. In Vila Nova de Gaia (Ter-
ras de Rey Ramiro). II Festival Folclórico e Etnográfico de
Gulpilhares. Vila Nova de Gaia: Rancho Regional de Gulpi-
lhares, pp. 139-144.

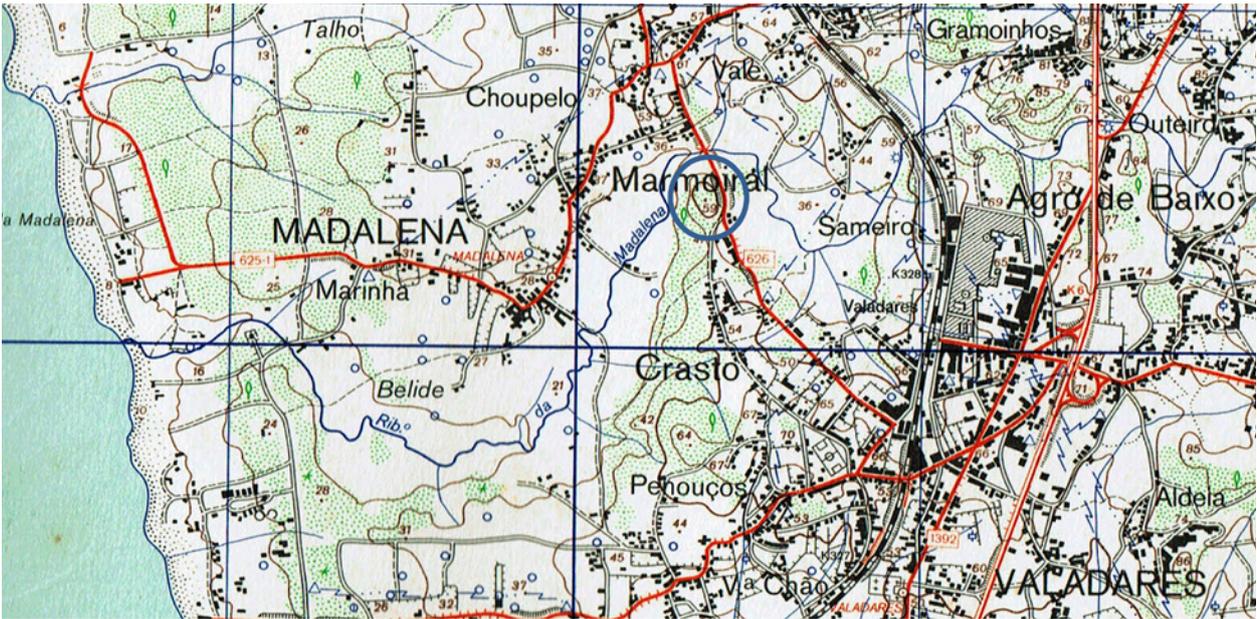


Figura 1 – Localização do Castelo da Madalena (círculo) na Carta Militar de Portugal à escala 1 25 000 (folha n.º 133, Valadares, ampliada).

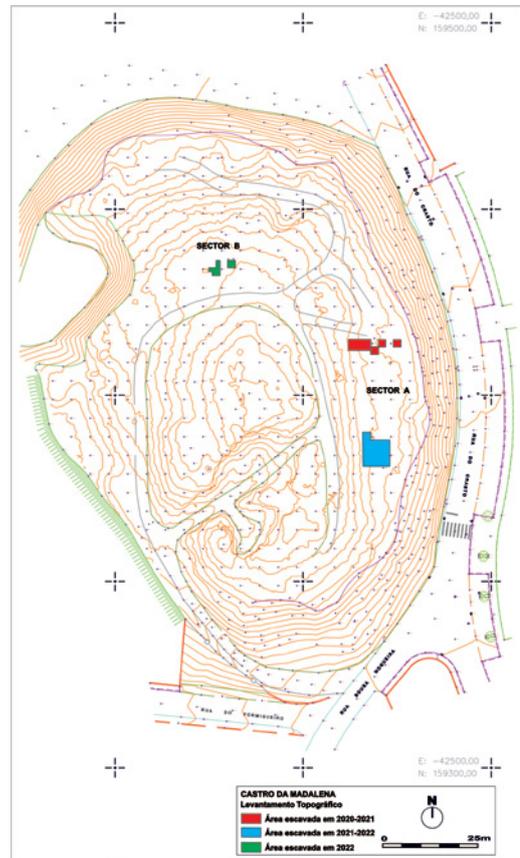


Figura 2 – Ortofotografia do castro da Madalena (foto: Multimapa).

Figura 3 – Castro da Madalena. Levantamento topográfico e implantação das sondagens arqueológicas (levantamento Multimapa, infografia ARQ-EDOV).

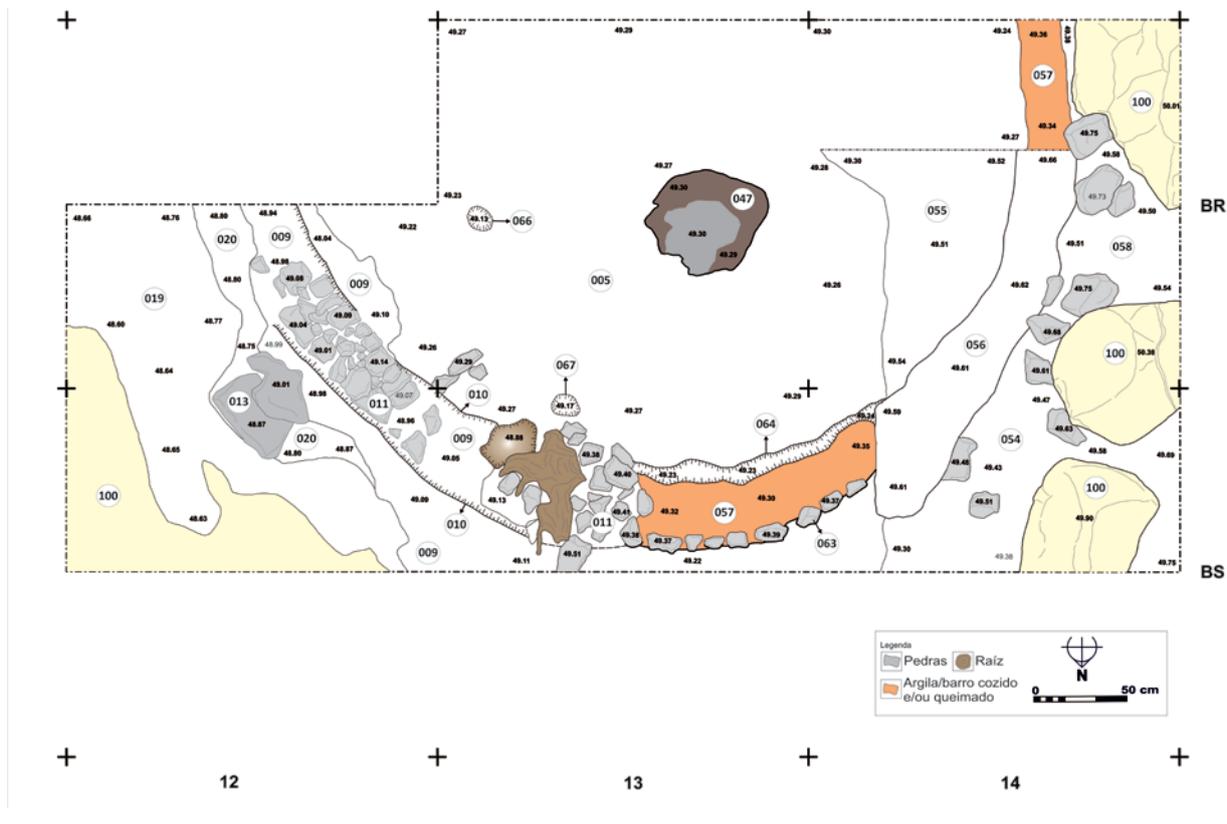


Figura 4 - Sector A - Quadrados BR/BS 12-14. Planta da Cabana I (desenho de campo: Raquel Ferreira; desenho de gabinete: Paulo Lemos).



Figura 5 - Cabana I. Vista superior (Ortofotografia: A. Leitão, Multimapa).

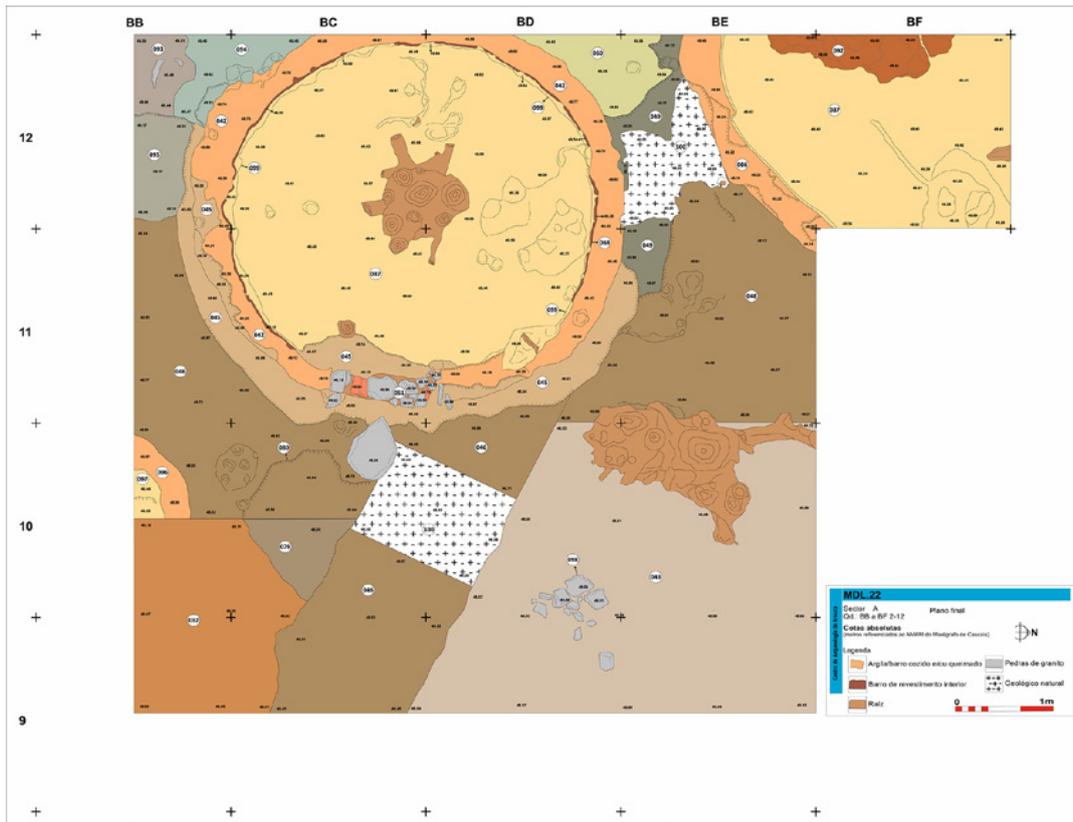


Figura 6 – Sector A – Quadrados BB/BF 9-12. Planta das Cabanas II, III e provável IV (desenho de campo: Raquel Ferreira; desenho de gabinete: Paulo Lemos).



Castro da Madalena -
Ortofotografia - Sec. A
2 de agosto de 2022

2 metros

N →

Figura 7 – Cabanas II, III, provável IV e áreas de circulação exteriores. Vista superior (Ortofotografia: João Silva).



Figura 8 – Sector A – Quadrados BE/BF 12. Base de lareira da Cabana III (foto: Edite Sá).



Figura 9 – Cerâmica da Idade do Ferro. Fragmentos lisos (foto: Sara Silva).



Figura 10 – Cerâmica da Idade do Ferro. Fragmentos decorados (foto: Sara Silva).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1290

 **FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA**


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DEBIAA - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra


**Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281


fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:


**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

 **CInimbriga**

 **seminário
maior de coimbra**